

Entrevista de Mestre Karabayara



Figura 1 – Em prece.

Fonte: TUEM, 2022. Fotografia de: Giovanna Colussi.

• Revista **mosaico**

Concedida a:

Vitor Hugo Haidar da Silva¹

<https://orcid.org/0000-0002-3282-4413>

Aline Cristina Gomes Ramos²

<https://orcid.org/0000-0002-9138-1392>

Raimundo Medeiros de Carvalho Filho

Sacerdote umbandista, conhecido no meio religioso como Pai Medeiros e por Mestre Karabayara, insígnia recebida na escola iniciática a que pertence. Atualmente, é o responsável pela Tenda de Umbanda Estrela Matutina, localizada em Campinas, São Paulo. Foi iniciado por Pai Rivas (Mestre Arapiagha) na Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, em São Paulo. Para ele, a Umbanda é um movimento amplo de ensinamentos que ecoam através dos tempos. Segundo os princípios da Tenda, o trabalho espiritual pretende atualizar a Tradição, manifestando-se através de Emissários dos Orixás, que se apresentam como Guias, Mentores, Ancestrais de uma Humanidade que luta para retomar padrões elevados de Espiritualidade. “É a transformação do sofrimento, é a transfiguração do Ser Humano, é o reencontro com o Sagrado que habita em cada um de nós.”

“No meu Congá tem guiné, pode pegar quem quiser, mas no meu Congá tem mironga, mironga só pega quem puder”¹.

A edição n. 23 da Revista Mosaico tem como dossiê temático as “Tradições Populares nos Brasis”. O nome do país utilizado no plural reflete a nossa percepção quanto à multiplicidade de vertentes que podemos encontrar neste território continental, principalmente quando abordamos aspectos culturais. Apesar de extremamente negligenciada nos recentes anos, a cultura se mostra viva e resiste em cada um, em diferentes níveis, mas, sobretudo, nas vozes de seus guardiões. Neste sentido, não se pode negar que algo que atravessa um percentual significativo dos brasileiros é a religiosidade/espiritualidade, ultrapassando 80% aqueles que se autodeclaram cristãos. Segundo reportagem da Folha de São Paulo, publicada em 29 de junho de 2022, pesquisas do Datafolha 2022 mostram que 51% dos entrevistados se dizem católicos, 26% evangélicos, 2% adventistas e espíritas, 1% umbandistas, 5% outras religiões e apenas 12% sem religião. Assim, é fácil compreender como a mobilização dos símbolos cristãos são potências dentro do cenário nacional, pois encontram ressonância célere dentro do imaginário de diversos estratos sociais.

Cientes disso, consideramos pertinente tratarmos dentro desta edição sobre tradições populares também sobre a religião, todavia, como discentes de um programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais e seguindo a linha editorial que a Revista Mosaico tem adotado em seus últimos números, nosso viés para escolha do entrevistado é o de valorizar e dar espaço de fala àqueles que fazem e vivenciam, na prática, realidades pouco difundidas e, em partes, negligenciadas. Por isso, apresentamos o Mestre Karabayara, um sacerdote de Umbanda, que coordena a Tenda de Umbanda Estrela Matutina, na cidade de Campinas, estado de São Paulo.

A Umbanda é de origem nacional, refletindo em suas concepções a miscigenação do país, provavelmente um dos mais eficientes espelhos de tradição popular brasileira. Curiosamente, enfrenta constantes manifestações

¹ Ponto cantado.

de intolerância ao longo de sua história, fato muito presente nas notícias veiculadas pela mídia, mesmo sendo apenas 1% da população que se declara do movimento umbandista.



Figura 2 – Banhos de ervas na Umbanda.

Fonte: TUEM, 2022. Fotografia de: Giovanna Colussi.

Apesar de mencionar pontos negativos como o último citado, a entrevista com Mestre Karabayara se concentra em transmitir “amor e sabedoria”, além de ser uma leitura descontraída e leve, que oportuniza esclarecimentos sérios e os traz de forma lúdica e crítica para dentro do meio acadêmico.

Por intermédio da contribuição de Mestre Karabayara, esperamos colaborar para que, a partir de um recorte específico, possamos elucidar um pouco da imensidão do universo da Umbanda, pois apenas a partir do conhecimento somos capazes de descortinar preconceitos, respeitar a diversidade e “Nos reconhecemos como unos e não como únicos”.



Figura 3 – Orixás, Senhores das Forças Sutis.

Fonte: TUEM, 2023. Fotografia de: Giovanna Colussi.



Figura 4 – Preceitos ou Oferendas na Umbanda.

Fonte: TUEM, 2022. Fotografia de: Giovanna Colussi.

Revista Mosaico (RM): Nós gostaríamos que o senhor se apresentasse...

Mestre Karabayara (MK): Meu nome é Raimundo Medeiros de Carvalho Filho, eu sou sacerdote umbandista. No meio espiritualista, as pessoas me conhecem como Pai Medeiros, mas dentro da nossa escola, quando nós renascemos para a espiritualidade, ou seja, quando nós recebemos a iniciação, recebemos também um nome que seria de despertar da consciência. Este meu nome é Karabayara, como sou conhecido dentro da escola ou linha de transmissão a qual eu pertenço, já que a Umbanda tem várias vertentes (linhas de transmissão). Nossa linha de transmissão é conhecida como Umbanda Iniciática, Umbanda Esotérica, se é que se deve dar um nome... Nela, sou conhecido como Karabayara há 32 anos. Sou filho de santo do Mestre Arapyagha², Pai Rivas Neto. Sou neto de Santé do Pai Matta, Mestre Yapacani³.

Hoje tenho o compromisso, junto a uma comunidade, que nós denominamos por terreiro, tenda, choupana, que conta aproximadamente com cem médiuns, os quais tenho a honra e a alegria de orientar.

RM: Nesta edição da Revista Mosaico, nós apresentamos pesquisas sobre “Tradições populares nos Brasis”. O que a palavra tradição significa para o senhor?

MK: Muitas vezes, as pessoas pensam que a tradição é algo que se deva conservar, por isso, às vezes, elas trazem o aspecto do conservadorismo. Às vezes, as pessoas falam de tradição como se fosse algo engessado. No nosso modo de ver, a tradição traz os ensinamentos que nos remetem à felicidade, e estes ensinamentos não foram descobertos agora, eles são muito antigos. Essa antiguidade nós remetemos à tradição, e essa antiguidade nós remetemos à essência. Então, tradição para nós é essência. Aquilo que é essencial, que sempre existiu e existirá, é algo eterno. Para nós, tradição se refere à essência, se refere à eternidade e como não poderia deixar de ser, pois somos um segmento da gnose, do conhecimento

² Francisco Rivas Neto, 1950-2018, Pai Rivas, sacerdote de Umbanda. Autor de livros sobre o movimento umbandista. Fundador da Faculdade de Teologia Umbandista (FTU) e da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino (OICD) em São Paulo.

³ Woodrow Wilson da Mata e Silva, 1916-1988, sacerdote de Umbanda. Autor de livros sobre o movimento umbandista e fundador da Tenda de Umbanda Oriental, em Itacuruçá, Rio de Janeiro.

humano e que tem como pedra basilar o espírito. E para nós, o espírito é eterno.

Tradição, essência, eternidade e espírito estão ligados. Quando nós pensamos nestes aspectos da tradição, nós remontamos ao passado, que vem ao presente e que fará parte do futuro: há um *continuum*. É nesta tradição que nós levamos adiante nossa doutrina e nossos ensinamentos. Para nós, tradição tem esta finalidade de remeter ao passado, ao presente e ao futuro, lembrando o que nós somos em essência, seres espirituais.

RM: Como se conecta essa noção de tradição com o Brasil, com nosso passado, nosso presente... Há alguma relação?

MK: Eu falei agora há pouco sobre a gnose. A gnose tem quatro pilares: a filosofia, a ciência, a arte e a própria religião. Nós tentamos viver isso como um todo e não de modo fragmentado. Embora as pessoas desde fora tenham uma visão do movimento umbandista, como um movimento filo religioso, nós procuramos englobar estes quatro pilares. Nem de longe nós queremos nos colocar contrários aos demais pilares, porque senão estaríamos dissociando estes elementos. Sabemos que a ciência hoje tem uma visão diferente do surgimento da humanidade, da antropogênese, do nosso planeta, a planetogênese, e até mesmo do universo. Dentro dos ensinamentos recebidos pela nossa linha de Umbanda, a primeira porção de terra que emerge das águas foi aqui, no Planalto Central Brasileiro, por lógica, é também neste espaço que surgem as primeiras manifestações do que nós chamamos de raça humana e isto está ligado à tradição. Isto está ligado a nossa essência. Portanto, nós do movimento umbandista temos a convicção de que o Brasil tem um papel fundamental nas relações do nosso mundo e do nosso planeta. Porque se aqui surge a nossa humanidade, se aqui surge o primeiro fragmento de terra, também aqui surge pela primeira vez as manifestações da consciência do ser espiritual, então a nossa tradição está relacionada a isso, a este princípio. Com isso, quando nós falamos desses processos essenciais, nós consideramos o Brasil como um ator de fundamental importância dentro do cenário planetário. Como muitas outras escolas costumam dizer: “Do pó vieste ao pó voltarás”, ou seja, de onde tu vieste, tu retornarás. Todo o ensinamento que daqui se manifestou para outras partes, aqui retorna...

RM: A Umbanda é uma tradição brasileira ou ela possui outras fontes? A Umbanda é uma religião sincrética?

MK: A sociedade brasileira tem características, não vou dizer que não se encontra em outros locais, porque eu não conheço todo o planeta, mas aqui se encontram condições que nos permitem reunir várias raízes. Aqui vieram os europeus, aqui vieram os africanos, vieram os asiáticos e se encontraram com os povos originários. Tudo isso produz uma mescla, produz em todas as formas de nos manifestarmos, inclusive na religião, uma forma de mestiçagem, o mestiço. Então, quando você busca por exemplo a religião católica, o cristianismo em várias vertentes, mas a mais forte é o catolicismo... Mesmo o catolicismo adquire aqui características da nossa cultura, da nossa forma de enxergar a religiosidade. O Culto de Nação (Candomblé) a mesma coisa. O budismo também adquire características próprias do nosso povo. Estas características surgem dessa junção das diversas raízes que aqui se encontram.

O movimento umbandista também tem essa característica de ser algo muito próprio da cultura do brasileiro. Às vezes, as pessoas falam que a Umbanda é uma mistura de tudo. Ela não é uma mistura de tudo. Ela abarca todos, ela abraça a todos, por isso, nós não temos, por exemplo, um modelo de rito. Se você visitar cem terreiros, os cem terão ritos diferentes. Isso não significa uma bagunça ou uma falta de comando, pelo contrário, isso significa abranger o maior número de consciências possíveis e respeitá-las. Dentro destes aspectos, não diria que ela é a única religião que tem uma influência da cultura brasileira, mas eu diria que das religiões a que mais expressa a cultura do povo brasileiro. Porque em um terreiro de Umbanda você pode, ao mesmo tempo, ouvir a pessoa invocar Deus, Tupã, Zambi, Alá e todos são nomes de uma mesma divindade, só que se você for em outro templo religioso e você falar de Tupã ou de Zambi, as pessoas talvez não gostem. Vão dizer que você está faltando com o respeito à cultura deles. Na Umbanda não, na Umbanda isto é motivo de alegria. Neste aspecto, a Umbanda é uma religião brasileira, não é ameríndia, porque se você vai buscar nos povos originários, seja no Nordeste, no Amazonas ou Centro-Oeste, eles têm os ritos próprios, com as divindades, os mentores espirituais, com os emissários das divindades, das potestades, com nomes próprios e características próprias. Se você vai no Culto de Nação, eles têm também

uma hierarquia baseada no que nós chamamos de hierarquia divina com nomes e características próprias. No cristianismo e em outras vertentes, também. E todos estes emissários e estas divindades em algum segmento do movimento Umbandista elas podem ser encontradas. Por isso, eu digo que a Umbanda é uma religião brasileira. As pessoas dizem que a Umbanda é afro-brasileira... Eu discordo, respeitosamente. A Umbanda ressurgiu no Brasil, devido às características próprias de uma época em que aqui se reuniram consciências europeias, africanas, povos originários e asiáticos e ela surge nesta reunião de saberes e de ensinamentos. Por isso, ela tem uma característica brasileira, porque o povo brasileiro é essa reunião.

RM: Então, a Umbanda não é só uma religião?

MK: Não falarei por toda a Umbanda, nem por todos os adeptos, mas a partir das interpretações da linhagem a qual eu pertenço. Quando perguntam: você é religioso? Um dos mentores espirituais com quem eu tive contato, carinho, respeito dizia o seguinte: “Quanto mais religioso alguém é, mais afastado da realidade ele está”. Pode parecer estranho, mas isto vela um ensinamento, uma realidade dentro do movimento umbandista, que nos ensina a ter o mesmo carinho e respeito por aspectos religiosos, filosóficos, religiosos e artísticos.

Se você pega uma gira de Umbanda, existe algo que as pessoas chamam de trabalho, preceito, muitos chamam de oferenda, que tem como função básica fazer a ligação entre a dimensão natural e a dimensão astral. Estes preceitos são compostos por ervas, flores, frutas, essências, perfumes... Quando você olha o preceito, você percebe que as ervas são colocadas em um determinado número, assim como as velas, as frutas... O número é matemática, é ciência, haja vista um dos grandes patriarcas da nossa humanidade: Pitágoras⁴.



Figura 5 – As ervas na Umbanda.
Fonte: TUEM, 2022. Fotografia de: Giovanna Colussi.

⁴ Pitágoras ou Pitágoras de Samos. Filósofo grego do século VI a.C, considerado um filósofo, matemática e sacerdote

Quando nós, através dos nossos mentores espirituais atendemos as pessoas que acorrem aos terreiros, se estiverem envolvidos processos de doenças físicas, respeitamos os saberes da ciência da terra, a quem nós devemos ser muito responsáveis, mas nós também estamos aplicando conhecimentos de determinados aspectos do organismo físico, mas também do mental e do astral que podem estar relacionadas a este processo de adoecimento físico. Nós estamos usando a ciência. Quando outras pessoas vêm perguntar sobre aspectos da vida delas e recebem uma mensagem, uma orientação, nós estamos tratando de um aspecto filosófico. Quando nós olhamos esta oferenda que é destinada a ajudar no reequilíbrio da saúde física, psíquica e afetiva da pessoa, ela é preparada dentro de uma métrica que remete a arte, é como se você estivesse diante do equilíbrio da arte. Os pontos cantados, o movimento, a dança dentro do terreiro é a arte. Então, não é apenas uma religião. Ela utiliza de aspectos místicos e religiosos para expressar uma ciência, uma filosofia, a arte, que juntas buscam reunir condições de reestabelecer o equilíbrio das pessoas que aqui veem. O Caboclo das Sete Espadas dizia: “A Umbanda é um meio de vida”. Para mim, é isso.

RM: Seria também interessante abordar a origem da Umbanda e as diferentes linhagens que ela apresenta...

MK: Existe de forma oficiosa vertentes do movimento umbandista que defendem o surgimento da Umbanda através do Caboclo das Sete Encruzilhadas, aproximadamente no final do século XIX e início do XX, com um médium chamado Zélio Fernandino de Moraes, de família católica e kardecista. Ele começa a apresentar uma manifestação que os pais achavam se tratar de fenômenos psíquicos, mas como eram ligados ao kardecismo, foram buscar orientação espiritual. Ocorre que durante uma destas orientações, o mentor espiritual, segundo estas vertentes contam, manifestou-se dizendo ser o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Perguntam o porquê deste nome e ele diz: “Caboclo das Sete Encruzilhadas porque pra mim não há caminhos fechados”. Ele é, então, repreendido e é dito que ali ele não poderia se expressar. Ele responde: “Se aqui não posso me expressar então vou me expressar lá na casa do meu cavalo, em tal dia, tal hora e neste dia, nesta hora, todos os que quiserem se manifestar devem se

manifestar de formar livre”. Naquele dia e naquela hora, as pessoas se reúnem, ele novamente se manifesta e vão se manifestando outros caboclos, outras caboclas, pais velhos, mães velhas. Esta é uma das explicações ou das formas de entendimento que se tem do movimento umbandista.

Nossa escola não fala em surgimento, mas sim em ressurgimento. Porque, para sermos coerentes, quando conversávamos sobre o surgimento da raça humana, surge ali também os ensinamentos divinos através de uma lei que nós chamamos de “Aum Bandan”. Ao pé da letra, em Abanhenga, no idioma mais antigo falado entre os seres humanos, significa o conjunto das leis de deus. É um nome muito próximo de Umbanda, mas a Umbanda não é um “Aum Bandan”, ela pretende, junto com outros movimentos, como a ciência, a religião e a filosofia, retornar a essa essência. Dentro destes aspectos, se nós dissermos que surge a Umbanda no final de um determinado período, nós estaríamos dizendo que nunca existiu. Onde estava? Quando os europeus chegaram, eles encontraram somente mato? Não... Encontraram pessoas que aqui tinham uma vivência social e religiosa. Os europeus trouxeram uma cultura filo religiosa e, mais tarde os africanos escravizados trouxeram uma cultura religiosa. Portanto, com o encontro estas culturas foram sofrendo uma transformação, tanto que antes do advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, já se falava no Caboclo da Curuguçu preparando o renascimento do movimento umbandista. Já se ouvia falar de um pai Antônio, de um pai Jeremias, todas expressões que hoje se encontram dentro do movimento umbandista. Logo, nós professamos o seguinte: que sim, foi importante o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, a título de uma ordenação do mundo espiritual, para que se organize um movimento tal que possa auxiliar os seres humanos a retomar a sua essência. Nós fazemos parte disso, não somos a única tradição. Mas antes do surgimento dele, sempre houve, como sempre haverá, pois a tradição é eterna.

Parafraseando meu Mestre Pai Rivas, que hoje está astralizado, sobre a Umbanda ou movimento umbandista, ele dizia o seguinte: “O movimento umbandista é uma ideia que se manifesta de várias formas, em constante transformação, pois a evolução pede mudanças”. Por isso, quando você me perguntou da tradição, as pessoas podem confundi-la com conservar, mas nossa tradição pede mudanças, as busca. Se você acreditar que não precisa mudar, não precisa evoluir, não seria lógico você querer uma evolução sem mudanças na forma de enxergar o mundo, as

peçoas, o sagrado, o divino e de enxergar a si mesmo.

RM: Tem na sua fala a menção a pais, caboclos, que são títulos dos seres espirituais, e em outras vertentes se manifestam, o boiadeiro ou o Orixá. É possível classificar estes seres?

MK: Mencionei, anteriormente, a Vertente Una do Sagrado, ou seja, a hierarquia divina. Todos os movimentos filo religiosos estão baseados nesta vertente, que recebe diversos nomes. Ela é composta pela divindade que você pode chamar de Deus, de *God*, de *Dios*, de Tupã, de Zambi, de Ire-Ayê, de Olodumaré, de Manitu, de vários nomes, mas é a mesma divindade. Abaixo dessa divindade, nós temos as Potestades, que alguns chamam de Arcanjos, outros de Rishis, de Ra-Angás, de Orixás, enfim, de vários nomes. Abaixo delas, nós temos os emissários das Potestades, que alguns chamam de Santos, de Mentor Espiritual, de Guia, de Profetas... E abaixo desses emissários, nós temos a humanidade. Trazendo para a realidade do movimento umbandista, as entidades que se manifestam nos terreiros de Umbanda são emissários de Potestades, que fazem a intermediação entre aqueles emissários e a divindade. Então, quando você vê num terreiro de Umbanda a manifestação mediúnica de uma entidade, seja Criança, Caboclo, Preto Velho, Exu, Boiadeiro, Baiano, Marinheiro, Cigano, Povo do Oriente, é um emissário de uma Potestade. Cada comunidade vai, então, de acordo com a raiz, com a origem, com os ensinamentos que recebem e com a orientação representada pelo Sacerdote ou Sacerdotisa vai ter sua própria forma de apresentação.

Embora todas estas formas de representação sejam importantes, aquelas que estão presentes em qualquer terreiro de Umbanda é Criança, Caboclo, Preto Velho e Exu. Tem terreiro que trabalha muito com Marinheiro, mas não tem Boiadeiro, do Povo do Oriente, do Cigano ou se tem é algo mais esporádico. Em qualquer destes terreiros, vai ter a manifestação destes seres espirituais. Nem que seja a Criança, na festa dos Erês, de Dois-Dois, Damião.

Dentro da nossa escola, as formas de apresentação chamamos de Ternário Sagrado: Criança, Caboclo e Pai Velho, que dizemos que imita a vida. Por que imita a vida? Criança remete a infância, o Caboclo remete a juventude, são seres com vitalidade, com força, com poderes para vencer as dificuldades da vida, e os Pais

Velhos, a sabedoria da velhice, a serenidade. Esta manifestação na gira de Umbanda da nossa escola traz a representação da vida de uma pessoa e ao mesmo tempo, representam determinados atributos: a Criança, a alegria e o amor; a Cabocla e o Caboclo, a fortaleza, a simplicidade; e os Pais e Mães Velhas, o atributo da sabedoria e da paciência. Chamamos eles de senhores destes atributos: os senhores do início (do recomeço), os senhores do meio e os senhores do fim.

E o Exu? Onde entra nisso? O Exu faz a ligação entre o final e o reinício. Claro que isso, nós estamos fazendo uma analogia. É como se terminasse uma encarnação e até a outra, é o período de atuação do Exu. Então é ele quem encerra os trabalhos, e é ele quem prepara o reinício de um próximo trabalho, de uma gira, de uma próxima vida. Ele fala, portanto, por todos, por Criança, Caboclo e Pai Velho. Estes idealizam aquilo que nós seres humanos necessitamos para nos reequilibrar, eles nos orientam. A partir daí, quem vai falar, ordenar e concretizar isso é Exu. Tudo está ligado.

Estas formas todas de representação existem, mas vai depender de como o Sacerdote ou a Sacerdotisa foi formado, e da comunidade que ele orienta. Isso casa com a ideia de a Umbanda ser uma religião brasileira, formada de tradições diversas, porque ela é uma forma de expressão do país, e nosso país é um continente. Veja, quando eu fazia minha faculdade, tinha um professor chamado Torloni, e ele havia escrito um livro chamado “Os dois Brasis”, que falava sobre as discrepâncias do Brasil. No Rio Grande do Sul, por exemplo, uma palavra tinha um sentido diferente daquela no Rio Grande do Norte. O meu pai de sangue era mascate, nós morávamos em Campina Grande e ele viajava pelo Nordeste. Em uma determinada ocasião, foi visitar uma cliente no Maranhão e querendo ser educado, ele a chamou de Madame, mas naquela região, Madame significava prostituta. Quase morreu, até explicar que focinho de porco não é tomada...

Então, o que eu quero dizer com isso? Assim como a nossa cultura pode manifestar sentidos diferentes para as mesmas palavras, os mentores espirituais podem manifestar de forma diferente para as mesmas realidades. O que importa para o mentor espiritual é levar a mensagem ao coração daquela pessoa, se ela se sente bem falando “oxente” ou falando “cara”, ou com um sotaque puxando um /r/, um /s/, não importa. Isso psicologicamente também faz sentido, porque a pessoa consegue se ver no lugar da entidade. A pessoa vai pensar: “Se este ser espiritual

de tanta luz, está falando assim, eu também falo assim, então posso chegar aonde ele está”.

RM: E no Brasil, uma das principais discriminações sociais é o preconceito linguístico...

MK: O mundo espiritual está atento a estes detalhes, eles não falam o português padrão. “Eu gostaria que você entendesse isso”, um Caboclo ou Cabocla diz: “Caboclo quer você entender isso”; o Preto Velho quer falar a mesma coisa: “O mazum fio, peto veio quer que que vosmecê poza zintendedo”. A pessoa que aqui vem não quer saber se fala errado ou fala certo. No terreiro de Umbanda, vem os doutores da lei, doutores de branco, o terreiro é um amortecedor social, porque vem o rico, vem o pobre. Os mentores não perguntam qual a instrução da pessoa ou qual a classe social, ele fala do mesmo jeito com a pessoa e alguns decidem seguir, porque importa a mensagem. Veja, o trabalho importante por trás das paredes do Congá, me faz até lembrar um ponto: “No meu Congá tem guiné, pode pegar quem quiser, mas no meu Congá tem mironga, mironga só pega quem puder”. Tem coisas que a gente pega, percebe, mas às vezes é tão sutil a função daquilo que a gente só muito depois vai entender, por exemplo estes aspectos dos mentores espirituais falarem desta forma. Isto porque estes mentores espirituais já não encarnam há muito tempo e são seres de um conhecimento ímpar da ciência, da filosofia, da religião e da arte. E como diria Shakespeare, dita por Hamlet: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia”. Há muitas coisas que a ciência elabora modelos, mas não sabe explicar e outras que ela explicou e veio através de um processo intuitivo. Aí cabe a reunião dos quatro pilares.

Cabe dizer que estes processos explicativos são como textos escritos. Eles são compreendidos de uma forma, quando lemos a primeira vez, mas depois de um tempo, tomam outra significação, outra interpretação. Por isso, nós dizemos que a letra mata e o espírito vivifica.

RM: Isto traz o aspecto da oralidade que está presente em muitas das tradições filosóficas pré-socráticas, e sobrevivem na modernidade em muitos espaços culturais, inclusive na academia. Como a oralidade está presente no movimento

umbandista?

MK: Você mencionou o Sócrates, um grande filósofo grego. Recentemente eu estava vendo com muita atenção o que ocorre com nossos irmãos yanomamis⁵. Um dos seus líderes, o David Kopenawa, disse que os ensinamentos de seu povo jamais serão esquecidos, porque os Xamãs, seus sacerdotes e sacerdotisas, responsáveis por manter a tradição, ouviram as palavras de Omama, que é o nome da divindade. E que Omama falou a mente e ao coração deles, e que a mente e o coração deles não é apenas físico, mas que serão carregados por todas as vidas. Claro que ele não falou com estas palavras, mas em todas as encarnações. Os nossos Pajés e Caraíbas, antigamente falavam que eles não precisavam deixar nada escrito, porque haviam recebido os ensinamentos de Tupãna e que estes ensinamentos são vivos e estão dentro deles. Dentro de cada Tupi, cada Txucarramãe. Está dentro de cada Kiriri, de cada Guarani. Os Pajés, os Caraíbas e David Kopenawa no mesmo patamar de um Sócrates. Agora, eu duvido que eles tenham tido em algum momento o acesso às obras de Sócrates. Duvido.

A oralidade para nós é a base fundamental da transmissão de nossa tradição. Porque o que estou falando eu ouvi de meu pai, que ouviu do pai dele, que ouviu de quem o iniciou, e assim é. Assim como meus filhos e filhas escutam estas histórias, estes aspectos da tradição e vão assimilando isso. Mas não tem livros? Claro, mas os livros são a pintura, uma fotografia de um momento. O que está escrito não pode ser mudado, mas sim reinterpretado. O que vai mudar é a tradição, a letra não, a letra está lá. Pode até falar, eu escrevi algo errado e quero me retratar, mas se você pegar o livro do Mestre Yapacani, de 1946, está lá, mas o que a gente interpreta não é o que se interpretava em 1946, porque hoje é outra coisa, porque além do livro existe o Sacerdote ou Sacerdotisa, a oralidade, a conversa de pé de ouvido, entre quem está sendo iniciado e por quem o inicia. E cabe a nós, com a memória que nós trazemos, retratar esta tradição. Porém, não podemos esquecer que nós, seres humanos, tendemos a perfeição, mas claro que pode haver ruídos, entre aquilo que eu trago, naquilo que meu pai ou avô trouxeram, pois somos seres

⁵ Em 2023, o governo federal interveio nas terras yanomamis para impedir a exploração econômica do território, após as denúncias de violação contra os direitos dos povos originários, cometidos pelo extrativismo predatório.

humanos. Mas é sempre de bom alvitre, que possamos observar algo que seja necessário nos retratarmos em determinadas ocasiões. Lógico, se não seríamos perfeitos e estaríamos com a divindade, longe de nós, entretanto, nas manifestações mediúnicas quem fala não é o Sacerdote, nem a Sacerdotisa, nem qualquer mestre encarnado, quem fala é o mestre astralizado. Este é muito mais próximo da divindade do que nós mesmos. É a primeira vez que vou falar em verdade, só tenho citado a noção de realidade, mas eles, os seres astralizados, os mentores, estão muito mais próximos da verdade una e eles não escrevem.

Você pode até encontrar uma obra mediúnica, de um médium que a escreveu, mas a obra não é do Caboclo, Cabocla, Pai Velho. Dentro do kardecismo a mesma coisa, você tem várias obras do grande e ilustre Chico Xavier, mas são obras ditadas, não foi o espírito que escreveu. Ou foram psicografadas. A própria bíblia, onde está ali algo escrito por Cristo. A memória, então a que recorremos para manter a chama da tradição é a do Sacerdote, da Sacerdotisa, dos médiuns, mas também e principalmente, as memórias dos mentores que corrigem as coisas quando nós seres imperfeitos, entendemos algo errado, não por maldade...

RM: Trazendo questões atuais, vemos a dificuldade de formas religiosas aceitarem a diversidade. E o movimento umbandista?

MK: A Umbanda é espiritualista. Ela aceita o espírito e o espírito tem várias formas de se manifestar. Nós dizemos o seguinte, que se tivéssemos que apontar um modelo, seria um modelo pendular. Ele sai do centro e vai às distâncias periféricas, então todas estas formas que ele vai encontrar nesse movimento são manifestações de espíritos. Então, para nós não importa... Eu disse em uma das perguntas que a entidade não pergunta o grau de instrução, também não perguntamos a identidade de gênero, se é ateu, se é corintiano ou palmeirense. Para nós é simples: você vem até nós, precisa de algo “O que nós podemos fazer para te ajudar?”.

O ser espiritual é ilimitado, porque é eterno e todos nós em essência trazemos a centelha divina. Nós não saímos da divindade porque seríamos perfeitos, porque a divindade é onisciente, onipresente e onipotente, mas nós trazemos esta possibilidade de buscar a perfeição. A divindade não gera outra consciência que não seja perfeita. As entidades não têm preconceito. Quem somos

nós para ter preconceito? Então, a Umbanda aceita todos.

RM: Ao se pensar em segmentos religiosos como a Umbanda e o Candomblé, emerge um imaginário um pouco confuso sobre a associação entre santos do catolicismo e os emissários ou potestades mencionadas pelo senhor anteriormente. Uma interpretação amplamente difundida deste processo compreende que a mescla se deu para que os escravizados pudessem manifestar seus cultos em novas roupagens, em tempos de repressão a religiões não católicas. Hoje ainda é necessário expressar-se deste modo? Há correlações entre estes santos e os mentores?

MK: Falamos que as entidades se expressam linguisticamente de um determinado modo, sem que as pessoas se importem com isso. Assim como falamos da pluralidade da sociedade brasileira, de sua cultura, então a religião se expressa de um modo plural e nisso existe os vários matizes. Dentro de um processo filo religioso se faz uma série de experiências e, por vezes, para seres que vêm de outros movimentos filo religiosos seria difícil para eles compreenderem um matiz diferente. Por exemplo, se eu venho de uma experiência católica para um terreiro, eu fico mais à vontade, quando vejo a imagem de um São Jorge, de um São Sebastião, de um São Jerônimo, de Nossa Senhora, de Jesus Cristo. Embora hoje não seja mais necessário este sincretismo, em termos de um preconceito da sociedade sobre estes mentores espirituais, se torna necessário de acordo com a psiquê, com o entendimento dos que ocorrem aos nossos terreiros. Então, acho importante imagens para aqueles que precisam delas, assim como são importantes os terreiros que não as utilizam, para aqueles que não tem essa necessidade.

Existe, claro, dentro dos aspectos históricos, o sincretismo, que menciona a maneira como os escravizados necessitavam destas ferramentas para simbolizarem a sua fé.

Nos primeiros contatos entre europeus e povos originários, os religiosos europeus observaram que os Pajés e os Caraíbas, utilizavam ferramentas denominadas *Mbaracás*, os maracás. E eles fincavam estes *Mbaracás* com determinados sinais sagrados, que os europeus imaginavam que fossem desenhos figurativos, olhos, narizes, bocas, mas, na realidade, eram sinais sagrados que nós

chamamos de grafia sagrada dos Orixás, os Sinais da Lei de Pemba. Eles diziam que eram bonequinhos. Esta interpretação é o primeiro processo sincrético.

Só para retomarmos, as imagens são importantes, mas não fazem parte de todos os terreiros.

RM: Uma das questões que o senhor poderia nos elucidar é a associação das figuras do Exu e da Pomba Gira ao mal, ao diabo cristão... Como se pode interpretar estas leituras?

MK: O Exu e as Pomba Giras concretizam as idealizações de Criança, Caboclo e Pai Velho, que se expressam por amor e sabedoria. O Exu ajuda a enfrentar os males, o ódio, os receios e a ignorância. Agora, “luz” e “trevas” assumem para nós uma interpretação diferente do que em outras expressões religiosas. Para nós elas são complementares. A luz é o espírito e o espírito é eterno, a treva é matéria, para nós é passageiro. O Exu é a luz nas trevas. A função dele é de que estas trevas, ou seja, cada consciência que se manifesta neste mundo natural seja iluminada, até que nós não precisemos mais da matéria e possamos retornar a luz, a essência da luz espiritual. Essa é a função de Exu.

Quando associam Exu ao diabo da mitologia greco-romana, nós falamos o seguinte: a Umbanda tem muitas interpretações, nós estamos voltando nisso como caracol, como ocotô... Nós acreditamos na divindade, não no diabo. O diabo é uma coisa que querem colocar na gente, relacionando a Exu. Mas para nós, o diabo não existe. O que existe é Tupã. Nós somos monoteístas. E por não acreditar no diabo, nós não podemos temer algo que não acreditamos.

Agora, existe a expressão do que é contrário ao amor, que é o ódio, do que é contrário à fortaleza que é a fraqueza, do que é contrário à sabedoria que é a ignorância. E isto está incutido na essência que nós trazemos como seres espirituais. Quanto mais distantes, mais próximos deste ódio. Esta é a expressão da maldade. Na nossa forma de entender a espiritualidade, não existe um senhor absoluto do mal, porque o mal está relacionado à treva e treva não é eterna. Há seres espirituais que utilizam destes aspectos para adquirir poder, através do medo, da força, de expressões que estão muito distantes da espiritualidade. Porque a espiritualidade se expressa através do amor e da sabedoria. Ponto. Para nós nunca

existiu a figura do diabo e não existe. Na minha concepção não é e nem nunca será algo que existe. Se existe para outras pessoas, para outros movimentos filo religiosos, que expliquem por que acreditam tanto no diabo e porque tem tanto medo. Eu posso falar do movimento umbandista. Eles que expliquem inferno, purgatório, todas estas coisas que eles acreditam existir, nós não acreditamos em nada disso.

Nós trazemos o ensinamento da terra sem mal, quando vencermos todas as diferenças que nos afastam dos atributos divinos e voltarmos a nos reunir em essência à unidade. Nos reconhecemos como unos e não como únicos. Quando o europeu chega aqui, a primeira coisa que ele diz é: “Estes povos não conhecem a letra f, porque não tem fé, a letra r, porque não tem rei e nem a letra l, porque não tem lei”, observam que não havia nos rituais indígenas alusões as divindades, nem compreendiam as formas pelas quais os indígenas se referiam a ela, por exemplo, ao se referir ao trovão, como Tupã, os portugueses não compreendiam as sutilezas. O trovão simboliza a cosmogênese, porque sintetiza o som, a luz e o movimento e, portanto, traz os atributos divinos e era o mais poderoso. Então, eles não conheciam qualquer ser do mal, não havia diabo. Os jesuítas é quem associam Yurupari⁶, divindade indígena, ao diabo.

Em suma, quando um conquistador chega num território é por meio da destituição da cultura do outro, e a melhor maneira de um colonizador fazer isso é transformando um símbolo da luz em um símbolo das trevas. E as pessoas passam a acreditar naquilo. Traz para nossa realidade, esse Yurupari é muito poderoso para eles, então vamos transformá-lo no diabo. “Uma mentira repetida mil vezes se torna uma verdade”.

RM: E como é ser umbandista no Brasil hoje, em meio aos casos de intolerância religiosa?

MK: Antes de entrar nisso, por vezes, há um preconceito, no sentido de definir algo,

⁶ Yurupari ou Jurupari. Há interpretações variadas sobre Yurupari a depender da etnia indígena que o menciona. Grosso modo, Yurupari é visto como um emissário solar. Uma das lendas sobre Yurupari admite que ele é filho do Sol com Ceuci, a virgem que lhe dá origem. A missão do filho seria restabelecer as leis de Tupã entre os homens. Câmara Cascudo defende que era o culto mais difundido entre os indígenas do litoral brasileiro, quando do início da colonização. (CASCUDO, 2002).

sem muitas vezes saber como é. Então, quando se fala as “religiões não cristãs”, veja, a Umbanda é cristã. Porque nós acreditamos na hierarquia crística, que tem vários patriarcas e matriarcas. Dentro dessa hierarquia, um dos patriarcas mais conhecidos é Jesus, Inaraia, Yeshua, Isho, o nome que quiser, mas também teve matriarca, Mariah. Nós tivemos outros cristos enviados: Buda⁷, Yurupari, Arapitan⁸, Quetzalcoatl⁹, no México, vários. Por onde você for procurar, nas comunidades Brasil afora, vai se verificar outros cristos desta hierarquia se manifestando. Nós acreditamos em Jesus, mas acreditamos também em Arapitan, em Buda, em Maomé¹⁰, e acreditamos em Yurupari. Eles são da hierarquia crística, eles são unos, nós é que entendemos os ensinamentos mal... Se você pega o ensinamento de um Buda ou o “Sermão da Montanha de Cristo”, você encontrará semelhanças. O que não somos é católico. Agora, o catolicismo e o protestantismo ou o kardecismo, não são as únicas manifestações dessa hierarquia.

Como é ser umbandista no Brasil? É difícil. Eu não vivo da Umbanda, eu não sou remunerado monetariamente pelo exercício do sacerdócio. Eu sou formado em Comércio Exterior e por conta disso, trabalhando com exportação e importação, tenho o contato com mais de 100 países. É muito fácil falar da Umbanda em qualquer país, porque eu falo da essência. Um dia destes eu falei com um professor da Universidade de Vedantha, em Mumbai. Ele me perguntava se nós tínhamos alimentos que curavam. Afirmei que sim e ele disse: “Nós também”. “Vocês têm alimentos que dão sono?”. Sim. “Nós também, mas qual é o alimento”. Eu disse: “Alimento do coração, dos pensamentos e dos sentimentos”. Ele disse que também tinham isso, ou seja, era fácil conversar com ele. É fácil conversar com um francês, com um chileno, mais do que aqui.

Trabalhando com uma empresa, cerca de 20 anos, e sempre me posicionei como Umbandista. As pessoas sempre me trataram muito bem, exceto um ou outro que tinha uma visão mais fundamentalista, porque, nós temos uma postura. Meu pai sempre me ensinou que sempre devemos nos portar como umbandistas e o que sai

⁷ Buda é um título concedido por cultos asiáticos a quem atinge a iluminação, principalmente pelo Budismo. O mais conhecido dos Budas é Sidharta Gautama, considerado o primeiro Buda e difusor da filosofia budista.

⁸ Provavelmente uma divindade de origem Tupi.

⁹ Divindade asteca.

¹⁰ Profeta e patriarca do Islamismo.

da boca de umbandista é o que sairia da boca de um mentor espiritual que lhe assiste. A gente tenta se expressar como um Caboclo, uma Preta Velha, mas não consegue, nem sempre consegue, mas quando nós percebemos nosso afastamento destas formas de se expressar, nós tentamos voltar para aquilo. É sempre um processo eterno de evolução, pendular. Como você tem essa postura, as pessoas dizem: “Poxa, fulano, é difícil de acreditar que ele é Umbandista”. Num certo dia, um amigo meu, um chileno, eu já tinha saído da empresa, ele me perguntou: “É verdade que você mexe com magia negra?”. Eu falei: “Não, mas por que esta pergunta?”. Ele: “Me falaram lá na empresa que você trabalha, que não era para eu me aproximar de você, porque você faz magia negra, faz o mal para as pessoas”. Então, isso exemplifica como as pessoas se referem ao movimento umbandista.

Desde os meus 23 anos, quando fui iniciado no movimento, quando perguntam qual a minha religião, sempre respondo que sou umbandista. Entretanto, conheço umbandistas que falam: eu sou espírita. Porque é menos traumático ser um espírita, tem uma base bíblica, é uma religião europeia, não é? Recentemente, pessoas que iriam fazer um tipo de operação comercial com as empresas que eu represento, ao saberem que sou umbandista preferiram não fazer. Isso me preocupa, porque embora não me faça falta, pode fazer para um filho meu, para uma filha minha, que não tem a mesma condição de falar, “Olha, eu sou umbandista”, e perder o emprego. Então é uma responsabilidade muito grande você saber como lidar com isso. Às vezes, é melhor você omitir. Então, por enquanto eu aconselho as pessoas a terem cuidado. Eu posso gritar aos quatro ventos. No condomínio em que moro, as pessoas me vêm saindo com a roupa de Santé e até chamam de doutor (risos). Nós temos duas roupas, uma de transição entre nossa casa e o templo e outra que nós usamos nos ritos, a ritualística. Uma vez no posto de gasolina, o frentista me chamava de doutor. Falei que não era médico, mas umbandista. Ele disse: “Onde é o terreiro do senhor? Posso ir lá?”. Então também tem estas coisas, que às vezes as pessoas conseguem se expressar depois que você se apresenta. Eu diria que é difícil como era em outros tempos, mas sem as perseguições, de chegar a ser preso, porque era proibido. Atualmente, ainda sobrevivem esses preconceitos.

RM: Algum terreiro que conhece chegou a ser vilipendiado? É seguro sair com os

trajes?

MK: Da nossa escola nenhum. O meu também não. Mas, aqui perto, um irmão nosso de outra escola foi vilipendiado sim, picharam a casa dele, teve imagem quebrada e eu conheço pelo menos cinco ou seis terreiros nos quais isso aconteceu.

Eu saio com os trajes e me sinto seguro. O hábito não faz o monge, mas às vezes você precisa se identificar sim como sacerdote. Agora, as nossas roupas mesmo, as de trabalho, que chamei anteriormente de ritualísticas, nós denominamos como túnicas. Às vezes confundem a nossa roupa com a túnica hindu ou budista ou algo assim. É da nossa escola. Nós usamos sempre a roupa branca, uma camisa mais longa e uma calça branca. No Brasil é difícil você ver pessoas usando estes trajes, mas em outros lugares eles são similares a de certas culturas. Por exemplo, em uma das feiras que eu frequento, por conta de meu trabalho, em Frankfurt, você vê ali o Hindu com as roupas características dele e ninguém fala nada. Assim como judeus tem roupas deles e ninguém fala nada. Ali eu me sentiria mais inserido se estivesse com a minha túnica do que aqui. Aqui causa muita estranheza, se alguém me olhar vestido assim... Mas ninguém nunca me falou nada diretamente.



Figura 6 – Vestimentas e ritualística.

Fonte: TUEM, 2022. Fotografia de: Giovanna Colussi.

Quer dizer, às vezes falam. Uma vez por exemplo, indo a uma festa de um terreiro amigo nosso, paramos num posto de gasolina para nos alimentar. Ao passar por um grupo de homens, eles começam a escarnear: “De onde você veio, seu palhaço? Está indo a uma festa à fantasia?”. Eu olhei pra eles e falei: “Laroyê, Exu!”. Foi só falar Exu, que ficaram quietos, quietos, quietos (risos).

RM: O uso da roupa pode servir como uma proteção, como se utilizasse a ofensa do outro como defesa, desarticulando-a. Claro, quando essa violência é simbólica, performática...

MK: A grande maioria das pessoas não exerce essa violência, têm pessoas que olham, admiram, perguntam por curiosidade. Ou seja, se fomos fazer um apanhado, diria que menos de 1% das vezes em que eu saí na rua com as roupas do templo fui atacado. Foi muito pouco.

Se você me permite fazer um adendo sobre isso, eu diria que há muito preconceito em todo o processo mitológico e místico, mas Exu é quem sofre de maneira mais acentuada este processo. Todas as potestades, inclusive Exu é uma delas, nós temos sítios da natureza que são relacionados a elas. Nós utilizamos estes sítios para fazer as nossas louvações com essas entidades. As de Exu são consagradas às encruzilhadas, que são espaços situados em uma serra, na mata, não as encruzilhadas de ruas, mas sim da natureza mesmo. Meu pai fazia um rito em uma encruza, como chamamos, na Serra do Mar¹¹. Para isso, nós cuidávamos da encruza, por conta de aspectos que não cabem aqui, mas periodicamente íamos até lá. Numa destas vezes, eu era o mais antigo do grupo e por isso estava incumbido de orientar o trabalho de revitalização do sítio sagrado. Isso nós fizemos à noite, de madrugada, fazia muito frio, garoava, e havia uma névoa caindo. A gente já estava quase terminando, quando, de repente, veio um carro, todo apagado, só com o farol baixo aceso, era um Monza, e dele saiu quatro ou cinco pessoas armadas e apontam as armas para a gente: “O que vocês estão fazendo aí?”. Eu estava com um charuto, porque é comum o uso do pitar no rito, ou um charuto ou um cachimbo (aponta para o cachimbo sobre a mesa) e incontinente, sem pensar,

¹¹ Situada no ABC Paulista.

não estava incorporado e nem nada, olhei: “Ba noooite...” (fala com voz grave) falei como se fosse a voz de Exu. Na hora, eles falaram: “Ô Exu, salve...”. Eu respondi: “Tô aqui trabaiano, que cêis quer deu?”. “Não, nada, nós tamo aqui fazendo nossos corre, nossa vida é muito perigosa, o senhor desculpa aí...”. Ou seja, tem estas coisas... Isto também é a interpenetração do Exu, da coisa magística, mística, que Exu tem e que nesse momento Exu me salvou, salvou todos nós. Não posso falar que não foi a atuação de Exu. Estávamos no reino sagrado dele, e me veio na intuição: “Faz isso!” Fiz, o grupo foi embora e não mexeram um fio de cabelo nosso. Isso também vence preconceito.

RM: Nestes tempos de dualismos e de cisões que se expressam na sociedade brasileira, como a Umbanda poderia contribuir, a partir desta perspectiva ampla que foi apresentada até aqui?

MK: Todas as formas de expressão merecem respeito. Claro que dependendo do nosso crivo, de nossa história, nós vamos ter relações preferenciais, por algum motivo. Por vezes, vamos perceber que certas formas não são legais e justamente por ser assim, devemos estar mais próximos. Vou usar duas imagens para explicar, uma do Sidarta Gautama, que no final do seu mestrado (espiritual), resolveu que sairia daquela coletividade de ensinamentos, iria para o mundo pregar e seus discípulos mais antigos queriam ir juntos. Ele disse: “Só vou levar o discípulo último, que está chegando aqui”. Muitos disseram: “Mas ele não sabe nada, ele é ladrão, é mentiroso, como senhor vai levar ele? Leva a gente...”. Ele disse: “Mas vocês estão prontos, fiquem e ensinem aos outros, ele é quem mais precisa estar perto de mim”. Ele falou a partir da perspectiva do amor. Então, aqueles que estão mais distantes da essência é onde a realidade mais vai se expressar. A outra imagem é de meu pai. Ele dizia que a Umbanda é luz nas trevas, então ela tem que ir onde as trevas estão.

Caboclo Arranca Toco, que me assiste, costuma dizer o seguinte: “Lá por cima, meu filho, está tudo resolvido, aqui por baixo é que vocês precisam resolver as coisas”. Como nós vemos este processo amplo da sociedade? Vemos como algo real e mutável. Real porque é a realidade de hoje, mas que também é a realidade de muito e muito tempo, que apenas estava... Não surgiu de uma hora para a outra.

Todas as formas de extremismo são delicadas, tudo que assim o for, é delicado. Diferentemente do que se possa pensar, precisa compreender o que o outro pensa, como ele se posiciona dentro dos aspectos religiosos, por exemplo, mas também qual a doutrina em que a pessoa se encontra, se identifica. Todo aspecto ligado à hierarquia crística, do ponto de vista religioso, é pautado no amor e na sabedoria, é pautado na cruz, nessa mesma cruz que simboliza a reunião da ciência, da filosofia, da arte, da religião, por isso tem quatro lados, da mesma cruz que simboliza a renúncia. Note que a cruz e a espada são muito similares. E o mestre que tanto ensinou aos discípulos que escreveram, e depois já escreveram tanta coisa em cima disso, que é o Cristo, sempre falava na Cruz. Um dia desses ouvi alguém falar que (Cristo) defendia a espada e que pediu para Pedro desembainhar a espada. Veja, se for pegar historicamente, na época em que Jesus viveu, ele era um renovador, alguém que veio para mudar tudo. Naquela época, a arma era a espada, e foi um exército buscar ele. O que uma espada faz contra um exército? Não podemos esquecer que Jesus veio de uma escola essênica e esta escola bebeu dos ensinamentos egípcios que velavam os saberes. Uma das interpretações da imagem da passagem acima da vida de Jesus pode ser compreender o desembainhar da espada, como o desembainhar do espírito, ou seja, mostrar o espírito. Ou seja, carece de uma interpretação, de uma leitura...

É comum ver pessoas religiosas defendendo o uso de armas, em nome de uma segurança... Nós temos que defender a cruz e não a espada, como símbolo do espírito... A espada, quando você tira ela da bainha, ela não se desgasta, já a bainha vai se desgastando com o tempo. Tem muito a ver com a espiritualidade, com o encarne e o desencarne. Nós que somos pacifistas, para nós é um ponto primordial. Sim aos livros, aos ensinamentos, à sabedoria, às flores, ao amor. Não às armas! Mas, não posso simplesmente ignorar esta pessoa, tenho que trazer esta pessoa o mais próximo possível, como os mentores espirituais nos trazem. Nós temos que estar perto dos fundamentalistas. Tentar convencer. Porque se nos afastarmos deles, nós nunca conseguiremos buscar o equilíbrio. Isto passa a ser um exercício pra nós mesmos, porque quanto mais estivermos perto do amor e da sabedoria, mais nós vamos estar distantes do ódio e da ignorância. E se você tem certeza de sua condição, não precisa ter receio de estar perto dela. Pode-se perguntar: “E se a pessoa não quiser ouvir?”. Escuta você. Isto vai mudar alguma

coisa? Vai mudar sua certeza? Escuta você, deixa ele falar. Vociferar o que quiser. Depois, com uma palavra é uma semente bem lançada, você consegue reverter a alma... Mas isso pode demorar e muito. Não é algo para agora. Nós somos imediatistas, nossa consciência só percebe o tempo nesta vida encarnada, na vida física, e quanto mais perto do fim da vida, mais rápido queremos que as coisas se resolvam, porque pensamos que estamos indo embora. O espiritualista não, ele sabe que ele vai voltar naquele ocotô. E ele sabe que estas situações e circunstâncias vão acontecer. E eu pergunto, quantas vezes já não aconteceu na história? E vai ser a última vez? Quando todos nós alcançarmos o equilíbrio junto aos atributos divinos, mas isso não é para agora... É para milênios.

Agora, ter paciência não é para ficar esperando. Se der para adiantar algumas coisas, vamos adiantar, este é o nosso trabalho. Manter a centelha acesa é isso, é você procurar acelerar este processo. Ter paciência é a ciência da paz. E não vamos conseguir paz atacando ou revidando os ataques.

RM: O senhor gostaria de falar algo que não foi perguntado ou deixar alguma palavra final?

MK: Eu, dentro dos meus limites, vou relembrar o que meu pai disse: “Meu filho, não sei a última resposta, porque não foi feita a última pergunta”.

RM: O senhor poderia nos dar uma benção final?

MK: A distância é apenas física, a força de nossos sentimentos e de nossos pensamentos superam a distância. As nossas evocações não são decoradas, elas nascem do coração e do momento que nós estamos vivendo. Cada rito é uma história. Diante disso, com licença:

Pelo poder da cruz, pelo poder da luz, pelos mistérios da coroa, pelos mistérios da estrela e pelos mistérios da hierarquia do Cristo. Valei-nos nesta hora, ó minhas Santas Almas Guardiãs do Cruzeiro Divino, a vós que pedimos e oramos, em nome do Cristo. Pedimos por todos os nossos irmãos e irmãs que fisicamente ainda não conheço, mas que com certeza as leis regulativas do universo nos levará um dia a nos conhecermos pessoalmente, e mesmo sem conhecê-los, tenho um

carinho e um respeito imenso por aqueles que estão a nos ouvir. Pois como é difícil encontrar quem nos possa ouvir. E assim minhas Santas Almas do Cruzeiro Divino, que dentro das ordens e direitos, a mim permitidos, por aqueles que são meus mestres nesta terra e no astral, venho pedir que suas bençãos de paz, amor e sabedoria, envolvam todos estes nossos irmãos e irmãs. Que Oxalá permite que um dia possamos nos conhecer. Se assim não for permitido, que nossos corações e pensamentos estejam irmanadas nos poderes da cruz e da luz. Aranauam. Macauam. Aumbandan. Saravá!

Entrevista realizada em 31 de março de 2023.

Referências

BALLOUSSIER, Anna Virgínia. Datafolha: Brasileiros vão menos à igreja e dão menos contribuições. Folha de São Paulo [online], São Paulo, 29 jun. 2022. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/datafolha-brasileiros-vaio-menos-a-igreja-e-dao-menos-contribuicoes.shtml>. Acesso em: 09 abr. 2023.

CASCUDO, L. C. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2002.

TENDA DE UMBANDA ESTRELA MATUTINA. **Orixás, Senhores das Forças Sútis**. Campinas, 29 jan. 2023. Facebook: TendadeUmbandaestrelaMatutina. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=553835746770905&set=pb.100064334544270.-2207520000.&type=3&locale=pt_BR. Acesso em: 09 abr. 2023.

TENDA DE UMBANDA ESTRELA MATUTINA. **Preceitos ou Oferendas Na Umbanda**. Campinas, 23 out. 2022. Facebook: TendadeUmbandaestrelaMatutina. Disponível em: https://www.facebook.com/TendadeUmbandaEstrelaMatutina/photos/pb.100064334544270.-2207520000./5388911811207021/?type=3&locale=pt_BR. Acesso em: 09 abr. 2023.

TENDA DE UMBANDA ESTRELA MATUTINA. **Banhos de Erva na Umbanda**. Campinas, 21 ago. 2022. Facebook: TendadeUmbandaestrelaMatutina. Disponível em: https://www.facebook.com/TendadeUmbandaEstrelaMatutina/photos/pb.100064334544270.-2207520000./5209625142469023/?type=3&locale=pt_BR. Acesso em: 09 abr. 2023.

TENDA DE UMBANDA ESTRELA MATUTINA. **A Voz**. Campinas, 18 dez. 2022. Facebook: TendadeUmbandaestrelaMatutina. Disponível em: <https://www.facebook.com/TendadeUmbandaEstrelaMatutina/photos/pb.100064334544270.-2207520000./5553758284722372/?type=3>. Acesso em: 09 abr. 2023.

TENDA DE UMBANDA ESTRELA MATUTINA. **Preces Na Umbanda.** Campinas, 05 dez. 2022. Facebook: TendadeUmbandaestrelaMatutina. Disponível em: <https://www.facebook.com/TendadeUmbandaEstrelaMatutina/photos/pb.100064334544270.-2207520000./5506249389473262/?type=3>. Acesso em: 09 abr. 2023.

TENDA DE UMBANDA ESTRELA MATUTINA. **As Erva na Umbanda.** Campinas, 07 ago. 2022. Facebook: TendadeUmbandaestrelaMatutina. Disponível em: <https://www.facebook.com/TendadeUmbandaEstrelaMatutina/photos/pb.100064334544270.-2207520000./5174461889318682/?type=3>. Acesso em: 09 abr. 2023.

Sobre os entrevistadores

¹Doutorado Acadêmico (2022 – atual) em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas/ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC. E-mail: vitorhaidar@gmail.com.

²Mestrado Profissional (2021 – atual) em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas/ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. E-mail: alinecgramos@yahoo.com.